



Ensino de Português como Língua Adicional: formação docente, políticas linguísticas e compromisso social

Elizabeth S. Macena¹

¹ Mestra em Letras pelo Programa em Rede Profletras/USP. Docente do IFSP *Campus* Sertãozinho

A entrevista que integra este número especial da *Revista Iluminart* foi realizada em abril de 2026 com a Profa. Dra. Patrícia Aparecida de Aquino, docente do Centro de Ensino de Línguas da Universidade Estadual de Campinas (CEL/Unicamp), cuja trajetória acadêmica e profissional reúne experiências no ensino de Português como Língua Adicional, na formação de professores e em diferentes campos dos estudos da linguagem.

Ao longo da entrevista, a docente reflete sobre a constituição da área de PLA no Brasil, as especificidades desse ensino, sua inserção na formação inicial dos cursos de Letras e a articulação entre ensino, pesquisa, extensão, internacionalização e acolhimento linguístico. Suas respostas também evidenciam a importância da universidade pública na formação de professores e na promoção de ações destinadas à integração social, cultural e econômica de migrantes e refugiados.



Iluminart Professora Patrícia, gostaríamos de iniciar pedindo que a senhora apresentasse brevemente sua trajetória acadêmica e profissional, especialmente sua atuação no ensino de Português como Língua Adicional na Unicamp.

Profa. Patrícia Olá! Primeiramente, quero dizer é um prazer participar desta entrevista!

Minha trajetória em PLA teve início sem que eu tivesse consciência, já durante minha iniciação científica no LAFAPÉ (Laboratório de Fonética e Psicolinguística Experimental) do IEL/Unicamp. Ali ficavam alguns professores visitantes e estudantes hispanofalantes, e era a mim que eles recorriam para sanar as dúvidas sobre a língua e cultura locais e também para revisão de textos. Foi com a prática que aprendia a dar aulas de português para falantes de espanhol.

No final da graduação e durante o mestrado, trabalhei como professora de “Português para estrangeiros” na Speakout, uma escola de idiomas em Campinas, enquanto me

dedicava à pesquisa em síntese e reconhecimento de fala. Esse trabalho de mestrado me levou à IBM da Espanha. Quando voltei ao Brasil, enviei currículo para dar aulas de linguística em uma faculdade de Letras, mas minha experiência levou a coordenadora do curso a insistir para que eu, inicialmente, desse aulas de língua espanhola.

Posteriormente passei a lecionar disciplinas de Linguística, Língua Portuguesa, Produção de textos (área em que eu também trabalhava, na coordenação do processo de redação do vestibular Unicamp) e Estágio. Direcionei minhas leituras para a formação de professores e, com o objetivo de compreender melhor os processos envolvidos na leitura, decidi fazer doutorado em Análise do Discurso.

Antes de concluir o doutorado, uma amiga e ex-coordenadora me disse que o CEL estava abrindo um concurso para PLE, que era “a minha cara”, pois a maior demanda era a de hispanofalantes. Fui “dar uma olhada” na bibliografia e me dei conta de que muitas questões da carreira PLE/PLA eram comuns àquelas com as quais eu trabalhava como docente nos cursos de Letras, Pedagogia e de Formação Continuada. Outras questões, por exemplo, a internacionalização, embora eu ainda não tivesse abordado como profissional, eram de meu interesse como leitora, o que me permitiu “ir bem” no concurso. Agora me vejo há uma década colocando em prática um pouco de cada uma das disciplinas e das leituras que me constituíram e me constituem como profissional.

Illuminart Em sua experiência, há diferenças importantes entre ensinar português como língua materna e ensinar português como língua adicional? Quais seriam as principais?

Profa. Patrícia Entendo que o ensino de língua materna, infelizmente, ainda é em grande medida pautado por uma tradição que desperdiça o tempo de docentes quanto de estudantes. As aulas seriam mais produtivas se levassem em conta uma orientação dada há décadas pela Linguística: “ensinar aquilo que os estudantes ainda não sabem”. Foi Sirio Posenti quem afirmou isso no livro “Por que (não) ensinar gramática na escola?”, um livro fundamental para a formação de professores. Entendo que em PLA fazemos isso, pois priorizamos o aumento da proficiência linguística dos estudantes. O ensino de língua materna poderia se assemelhar aos níveis avançados de Português como Língua Adicional, com ênfase na leitura (como compreensão) e na produção de textos orais e escritos, ambas com a consciência sobre os discursos com os quais se dialoga e sobre os efeitos de sentido produzidos por determinadas construções linguísticas.

Illuminart Em sua opinião, o ensino de português como língua adicional deveria fazer parte da formação inicial dos cursos de Letras? Por quê?

Profa. Patrícia Sim! Sem dúvida. Tenho a impressão de que as disciplinas de “didatização” são menos valorizadas do que deveriam. Muitos formados acabam tendo que aprender com sua própria prática, e, com isso, podem demorar para encontrar recursos que poderiam conhecer já na graduação.

Illuminart O ensino de português para estrangeiros também se relaciona com políticas de internacionalização e de acolhimento. Como a senhora vê o papel da universidade pública nesse contexto?

Profa. Patrícia Nosso país tem recebido um número crescente de imigrantes e refugiados, e políticas vêm sendo desenhadas para o acolhimento dessas pessoas. Tomo como exemplo o “Guia para acolhimento de pessoas refugiadas e migrantes, do município de

São Paulo”, de 2024. A aprendizagem do Português do Brasil é considerada prioritária para o processo de integração tanto sociocultural quanto econômica aqui no Brasil. Do meu ponto de vista, são as universidades públicas as que mais têm condições de contribuir, tanto com a formação de professores quanto com ações de Extensão, para que essa prioridade seja assegurada.

Illuminart Que conselho a senhora daria para professores e estudantes que estão começando a atuar na área de PLA/ PBFOL?

Profa. Patrícia Se algum conselho puder vir a ser bom, aposto neste: mesmo tendo optado por uma área, mantenha seu olhar e seu ouvido abertos às outras subáreas das Letras, da Linguística e a discursos diversos, leituras diversificadas. Aquilo que uma ou um falante de outra língua ainda não sabe na nossa língua/cultura pode demandar conhecimentos que vão desde a Fonética até a Análise do Discurso, passando muito fortemente pela Sociolinguística, mas passam também com frequência pela Sintaxe, pela Semântica, Pragmática, pela Literatura, Ciências Sociais, História. Fazendo uma retrospectiva, vejo que todas, todas as disciplinas dos cursos de Letras, de Linguística e as Eletivas que fiz ao longo tanto da Graduação quanto da Pós, de alguma forma, contribuem para que eu me sinta confortável a ponto de incluir no início de cada uma das minhas aulas um momento para que a turma faça perguntas ou comente alguma curiosidade do Português do Brasil ou da nossa cultura, um momento que chamo de “Dados ou dúvidas de imersão”. Às vezes, a dúvida é sobre uma expressão ou uma palavra de uma área muito distante. É o contato prévio com discursos de diferentes áreas que faz a diferença nesses momentos.